



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA
CAMPUS VI POETA PINTO DE MONTEIRO
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB**

CHARLES ALVES VIEIRA

O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**MONTEIRO – PB
2014**

CHARLES ALVES VIEIRA

O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia sob orientação da Profa. Me. Angela Patricia Felipe Gama.

**MONTEIRO – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V657e Vieira, Charles Alves.
O ensino de artes visuais na educação infantil [manuscrito] : /
Charles Alves Vieira. - 2014.
39 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia -
PARFOR) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de
Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Angela Patricia Felipe Gama,
Departamento de Letras".

1. Ensino. 2. Arte. 3. Artes visuais. I. Título.

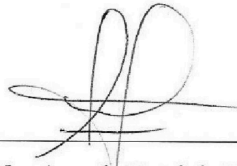
21. ed. CDD 370

CHARLES ALVES VIEIRA

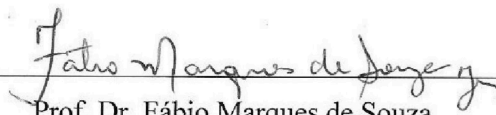
O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovado em 26 de Julho de 2014.



Profa. Me. Angela Patricia Felipe Gama
Orientador(a)



Prof. Dr. Fábio Marques de Souza
Examinador(a)

Aos meus pais Antônio Lino e Júlia Alves, que não podem ver, mas de alguma forma estão vendo, à minha esposa Elenilda e à minha irmã Eunice Alves, que sempre me deram forças para a realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, ao qual sempre me apegarei em todos os momentos da minha vida.

A minha esposa Elenilda Maria e meu filho Gabriel Feitosa, que jamais permitiu que eu desistisse...

À Adalgisa, coordenadora do curso de Especialização, por seu empenho.

À professora Angela Patricia Felipe Gama pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos meus pais Antônio Lino Vieira e Júlia Alves Aguiar, a minha irmã Eunice Alves de Lira, que ao vim o mundo foi eles que sempre incentivaram a aprendizagem.

A todos os professores do Curso de Pedagogia da PARFOR – UEPB, que durante a graduação contribuíram para minha formação acadêmica, de modo especial Me. Ângela Patricia Felipe Gama pela sua dedicação e preciosa atenção e cuidado.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio e também aos amigos de trabalho da Secretaria Municipal de Educação de São Sebastião do Umbuzeiro – PB.

Em arte, cada um opera fazendo escolhas com liberdade, seguindo a própria trilha criativa. Percebe-se, portanto, a importância de se abordar a arte na educação infantil, contribuindo para a formação plena de nossas crianças. (ROSA IAVELBERG, pg. 3, 2013).

RESUMO

A arte está presente ao longo da história da humanidade, tanto a produção quanto a fruição artística são prerrogativas de pessoas que nasceram com dons especiais ou que têm grande conhecimento e entendem de arte. Fazer e conhecer arte estabelece uma base de relacionamento com o mundo da imaginação por intermédio do pensamento simbólico e das trocas simbólicas intersubjetivas. Portanto, servirá para tudo o que se fizer de maneira autoral. Esta é a riqueza que a arte oferece para as crianças: cada indivíduo opera fazendo escolhas com liberdade, é essencial que se inclua a arte na educação desde os primeiros anos de escolaridade. O ensino da arte é uma das disciplinas muito importantes nos anos iniciais, porque é através da arte que a criança pode imaginar e fazer sua própria leitura sobre ela. Considerando-se que as artes em suas diversas formas, entre elas a dança, a música, as artes visuais são elementos da cultura de uma sociedade e estão muito presentes na vida das pessoas, e que a escola deve valorizar mais a arte como meio de aprendizagem e como área de conhecimento. Aprender significa criar e recriar conhecimento; então, se a criança aprende com autoria na educação infantil, gera conhecimento novo para si. Se o conhecimento em arte fornece as bases para a criação autoral e para o relacionamento com o mundo, ler ou copiar imagens não é fazer arte em sala de aula, porque o propósito do ensino da arte que tem como pressuposto sujeitos autorais é conhecer o mundo da arte para criar, ou seja, fazer arte de modo cultivado, informado pelas culturas artísticas, para se sentir como um entre outros que fazem arte na sua idade e, progressivamente, ter o sentimento de inclusão em um universo em que adultos e crianças podem expressar-se e imaginar ao realizar trocas simbólicas por intermédio da arte.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino, Arte, Artes Visuais.

ABSTRACT

The arts have been present all along the history of humanity. Both in the artistic production and fruition they are prerogatives of people who were born with special gifts or possess a great knowledge and understand arts. To make and know arts establish a relationship with the imaginary world through symbolic thinking and symbolic and intersubjective exchange. Therefore, what you make in an authorial way serves all. This is the richness that the arts offer to children: every individual makes his or her free choices. It is essential to include arts in education from the very first years in school. Teaching arts is a very important subject during the initial years, because it's through the arts that the child can imagine and make his or her own interpretations. Arts in their diverse forms - dance, music, visual arts - are cultural elements in a society. They are very present in people's life, and the school should valorize arts as a means of learning and as an area of knowledge. To learn means to create and recreate knowledge. So, if the child learns with authorship in Early Childhood Education, he or she generates knowledge for himself/herself. If the knowledge of arts provides the bases for authorial creation and for the relations with the world, re-read or copy images is not to make arts in the classroom. The purpose of teaching arts that have authorial subjects as a presupposition is to get to know the artistic world and so be able to create, i. e., make arts in a cultivated way, informed by the artistic cultures, in order to feel like one among others that make arts in the same age and, progressively, have the feeling of inclusion in a universe where adults and children can express themselves and imagine as they perform symbolic exchanges through art.

KEY WORDS: Teaching, Art, Visual arts.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FOTO 1	Fogueira com tintas das mãos dos alunos.....	26
FOTO 2	Pintar seu desenho.....	27
FOTO 3	Pintura Abstrata com bolinhas de gude.....	27
FOTO 4	Pintura Abstrata.....	28
FOTO 5	Pintar.....	28
FOTO 6	Pintando com as mãos.....	29
FOTO 7	Garatujas.....	29
FOTO 8	desenho de sua casa.....	30
FOTO 9	desenho de um avião.....	30

LISTA DE SIGLAS

L D B	Lei de Diretrizes e Bases
P C N	Parâmetros Curriculares Nacionais
R C N E I	Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. ENSINAR ARTE NO ENSINO INFANTIL.....	15
1.1 BRINQUEDO E ARTE.....	17
1.2 ARTE E JOGO.....	18
2. ENSINO DE ARTES E DOCUMENTOS OFICIAIS.....	20
2.1 A AQUISIÇÃO DO DESENHO E CORRESPONDÊNCIAS COM OS NÍVEIS DA COMPREENSÃO ESTÉTICA.....	20
2.2 O ENSINO DAS ARTES VISUAIS E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO.....	21
3. OBJETIVOS E HABILIDADES PRIORITÁRIOS PARA O ENSINO DE ARTE VISUAIS.....	23
3.1 RECURSOS DIDÁTICOS PARA ENSINAR ARTE.....	24
3.2 DESENHO.....	26
3.3 TEATRO.....	31
3.4 MÚSICA.....	31
3.5 DANÇA.....	31
4. A ARTE NA EDUCAÇÃO: EXPRESSAR, FAZER OU CONHECER?	32
4.1 A ARTE COMO LIVRE EXPRESSÃO.....	32
4.2 A ARTE COMO UMA AÇÃO.....	33
4.3 A ARTE COMO MEDIADORA E COMO ÁREA DO CONHECIMENTO.....	34
CONSIDERAÇÕES.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

É importante ressaltar que a arte sempre esteve desvinculada do ensino na instituição escolar e que somente a partir da LDB, Lei nº 9394/96, é que foi criada a obrigatoriedade do seu ensino de arte no Brasil. A partir daí, a arte, foi introduzida na Educação Infantil, no Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, porque é através da arte que constitui um importante meio para o desenvolvimento da criança e também o acesso a essa leitura permite grandes descobertas.

No primeiro capítulo são apresentados alguns fatores do ensino da arte no ensino infantil nas escolas do nosso Brasil. Porque o desenho é uma das linguagens mais associadas às atividades infantis e tradicionalmente está presente na educação infantil. E a importância do brinquedo e a arte, os jogos e devido a uma pessoa importante que é Ana Mae Barbosa, que concebe o ensino da Arte partir da articulação de alguns eixos para a Educação do nosso Brasil. Sendo que até hoje é reconhecida nos estudos da Pedagogia Brasileira.

O segundo capítulo é apresentado à importância da arte na escola dentro e fora dela com a metodologia de Rosa Iavelberg que busca incentivar o ensino da arte de maneira flexível e mais dinâmica. Observando a arte visual dentro das novas tecnologias, que requer a compreensão das transformações que ocorrem nas possibilidades de apreciar ao longo do desenvolvimento dos alunos. Porque a arte está presente na vida do ser humano diariamente nas várias formas, ou seja, na pintura, na música, no desenho, no jogo, no teatro, na literatura, na dança, hoje cada professor vê a arte como uma das disciplinas mais importante na vida da criança, pois é nela que a criança já faz uma leitura em cada risco em papel para si mesmo.

Segundo Piaget e sua epistemologia genética, a orientação construtivista considera alguns aspectos da aprendizagem, sua principal colaboração é observar como sujeito da aprendizagem transforma níveis menos avançados de conhecimento em níveis mais avançados.

Ferreiro (2001) aponta a diferença entre assimilar e simplesmente registrar o conhecimento. Para que ocorra assimilação é preciso considerar:

A interação o aluno interage com conteúdos da área e realiza uma ação reflexiva sobre os conteúdos para assimilá-los a partir de suas possibilidades de aprendizagem, conhecimentos anteriores e níveis de desenvolvimento cognitivo.

O relativismo o aluno transforma seus saberes e fazeres ao longo do desenvolvimento da aprendizagem, constituindo um corpo de acertos provisórios, o que podemos chamar de erro

construtivo. Não se trata de um conhecimento para fazer arte e sobre arte da forma como é estruturado pelos artistas, críticos ou historiadores da arte, mas um conhecimento ou aproximação, no âmbito das relações, que consegue articular a cada momento de sua aprendizagem. Dessa forma, adquire, progressivamente, modos avançados de formular saberes arte, sejam conceitos ou saberes práticos.

A construção o aluno constrói por si mesmo o conhecimento, que não é introduzido por outrem ou injetado pelo aluno a partir de conteúdos externos, tampouco emerge à medida que o aluno se desenvolve e amadurece. A questão da aprendizagem está relacionada ao desenvolvimento e depende de fatores interativos e ativos do aluno em contextos de aprendizagem nos quais progressivamente transforma seus conhecimentos estabelecendo relações entre seus conhecimentos anteriores e os novos conteúdos nas situações de aprendizagem.

No terceiro capítulo são mostradas as modalidades entre elas o desenho, a dança, o teatro e a música que são os diferentes modos de praticá-las. E são apresentados os recursos didáticos para o ensino da arte. Através das atividades rítmicas é possível desenvolver o ritmo, a postura, os movimentos livres e criativos e também a sociabilidade.

No quarto capítulo mostra como o indivíduo expressa seus pensamentos, suas emoções, sua visão do mundo. Porque a arte é um veículo de expressão da sua própria elaboração da realidade.

A arte ocupa um lugar entre o sonho e a realidade, as pessoas precisam do imaginário para acessar suas imagens e emoções e dar forma ao que querem expressar e que, às vezes, não cabem em palavras, mas são possíveis de serem expressas em pinturas, filmes e músicas. A arte possibilita o trânsito entre o cognitivo e o afetivo, o consciente e o inconsciente, porque habita essa zona intermediária. A criança pequena trafega por esse espaço com muita espontaneidade.

1. ENSINAR ARTE NO ENSINO INFANTIL

Arte é um componente curricular obrigatório na educação escolar da Educação Infantil. O ensino de arte está garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e a sistematização metodológica está fundamentada no Referencial Curricular para Educação Infantil. Nesses documentos, o ensino da Arte é tratado como conhecimento histórico e cultural, constituindo-se de diversas linguagens, como: as Artes Visuais (linguagem que tem a imagem fixa ou em movimento como objeto); o Teatro (cujo objeto é a ação dramática); a Música (constituída da composição sonora – articulação entre som e silêncio) e a Dança (com o gesto e o movimento corporal como objeto). Cada uma dessas linguagens é caracterizada, especificamente, pelos signos que formam a sua gramática e, conseqüentemente, o seu tipo textual. Historicamente o ensino da Arte no Brasil tem uma trajetória que perpassa por diferentes concepções. A partir da década de 1980, a concepção que vem sendo difundida e que, aos poucos, vem sendo incorporada na prática pedagógica de muitos educadores, está baseada na abordagem triangular, fundamentada e sistematizada no Brasil, por Ana Mae Barbosa, que concebe o ensino da Arte a partir da articulação de três eixos, sem que nenhum deles seja priorizado em detrimento dos outros ou hierarquizado. Tais eixos são: o ler (leitura do texto artístico/estético), o contextualizar (contextualização histórica, cultural, estética, etc.) e o fazer artístico (produção artística, construção da expressão pessoal e/ou coletiva dos estudantes).

Nessa abordagem, também estão incorporados princípios como a multiculturalidade/interculturalidade – considerando como objeto de estudo obras/manifestações de diferentes culturas, etnias, tendências estéticas, localidades e suas conexões ou interações - e interdisciplinaridade que leva em consideração a necessidade de articulação entre o conhecimento em Arte com os de outros componentes do currículo.

Portanto, é importante ressaltarmos que essa concepção foi incorporada aos documentos oficiais, mesmo sem ser citada como Proposta ou Abordagem Triangular. Porém, na forma de conceber e fundamentar o ensino da Arte, toma-lhe como referência, segundo citação abaixo (Brasil, 1007, p. 28-29):

A LDB aponta a obrigatoriedade do ensino da Arte, porém não exige o ensino de todas as linguagens artísticas, assim o/a aluno/a deverá ter acesso a, pelo menos, uma das linguagens da arte. Isso possibilita a formação do seu repertório expressivo e cultural, proporcionando-lhe a construção de competência e habilidades para além do campo da leitura

e escrita do texto verbal, incluindo o não verbal como possibilidade de aprendizagem e expressão.

Quanto ao ensino da Arte nos anos iniciais do ensino Fundamental, quanto mais acesso tivermos aos recursos, vivências e orientações didáticas, melhores serão nossas condições de atuar pedagogicamente. Poderemos optar nos dedicarmos mais a uma das linguagens artísticas, intensificando a sua pesquisa em diversos meios (livros, revistas, jornais, internet, catálogos de exposições, filmes, entre outros) ou buscarmos conhecimentos referentes às diversas linguagens, o que possibilitará o desenvolvimento de práticas educativas de forma interdisciplinar entre as próprias linguagens da arte e entre estas e os diferentes componentes curriculares, garantindo ao aluno/a o ensino desse componente curricular, que é tão necessário como todos os outros para a formação integral dos estudantes.

As orientações contemporâneas sobre Arte e ensino da Arte, entre elas a Abordagem Triangular, foram observadas quando da elaboração das diretrizes curriculares para ensino da Arte, sintetizadas em documentos como: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs de Ensino Fundamental) e Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil RCNEI.

Nos PCNs, a Arte é caracterizada como conhecimento que propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, constituindo-se, assim, num modo particular de pensar e dar sentido à experiência humana. Tratar a arte como conhecimento é o ponto fundamental e condição indispensável para esse enfoque do ensino de arte, que vem sendo trabalhado há anos por muitos, arte-educadores. Ensinar arte significa articular, três campos conceituais: a criação/produção, a percepção análise e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade, compreendendo-a histórica e culturalmente. Estes três campos conceituais estão presentes no PCN-Arte e, respectivamente, denominados produção, fruição e reflexão.

Na interação com esse conhecimento, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação, pois a Arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos para a compreensão mais significativa das questões sociais e é a forma de comunicação que atinge o interlocutor por meio de uma síntese na explicação dos fatos! (Brasil, 1997, p.39).

A imagem ou som, apreendidos pelos sentidos, são ressignificados por quem os apreende. Nesse ato de ressignificar, a pessoa atribui sentidos de acordo com o conhecimento cultural que construiu anteriormente, a respeito do que vê ou escuta. A obra de Arte traz em si uma gama de significados socioculturais, os quais emergem na presença do interlocutor que deseja compreender as condições sociais nas quais ela foi produzida.

Aprender Arte, nesse sentido, envolve fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas, desenvolvendo progressivamente um percurso de criação pessoal cultivado.

Ensinar arte, em consonância com os modos de aprendizagem do aluno, significa não isolar a escola da informação sobre a produção histórica e social da Arte e, ao mesmo tempo, garantir aos alunos a oportunidade de edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias. (Brasil, 1997, p.47).

Nesse sentido, ensinar Arte significa, também, organizar situações de ensino-aprendizagem adequadas a cada grupo-classe, observando os aspectos de desenvolvimento cognitivo e as vivências já construídas pelo grupo.

O Referencial Curricular para Educação Infantil RCNEI trata a Arte como uma das formas de linguagem e de contato com objetos de conhecimento importantes no desenvolvimento das capacidades de expressão e comunicação das crianças. Essa área é colocada no documento conhecimento de Mundo, tendo como eixos de trabalho Artes Visuais e Música.

Artes Visuais são colocadas com características próprias, que podem ser abordadas articulando-se o fazer artístico, a apreciação e a reflexão. A apreciação, o fazer e a reflexão são formas de aproximação das crianças à Arte como expressão e como objeto da cultura. A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras, podendo expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos. Está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas e políticas, entre outros. Na Educação Infantil, a música mantém forte ligação com o brincar. Os jogos e brinquedos musicais da cultura incluem os acalantos, as parlendas, as cantigas de roda, os romances, entre outros. O trabalho com música deve considerar o universo sonoro da criança, construído em seu contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical desde os primeiros anos de vida, para, a partir dele, propor as situações de musicalização.

1.1 BRINQUEDO E ARTE

Nesse contexto, as brincadeiras de faz de conta, que são na verdade uma representação, isto é, um jogo dramático apresenta-se ricas em simbolismos e significados, em diálogos com

personagens da vida real e da vida imaginária e permitem uma atividade intensa de criação, inventividade e improvisação. Esses três elementos são componentes sempre presentes, também, nas outras manifestações artísticas. O mesmo ocorre quando a criança desenha, pinta, experimenta sonoridades novas ou canta uma canção. É interessante notar que, nas suas brincadeiras, as crianças empregam frequentemente as linguagens artísticas, mesmo sem o saberem.

O seu mundo é imensamente rico e variado, sua mente é flexível e fecunda. Elas não se limitam à fala ou algum programa preestabelecido: suas mentes estão em constante movimento e as ações, mesmo que diversificadas e complexas, estão integradas em um todo coeso e com sentido – a experiência. O faz de conta envolve espontânea e naturalmente as várias artes: cada criança, no seio dessa brincadeira, age sobre o arranjo do espaço, experimentando conceitos arquitetônicos e decorativos (ela organiza e distribui os móveis na sua casinha de bonecas, na loja imaginária em que faz suas compras...); ela trabalha elementos concretos que molda, esculpe, constrói pinta, desenha (faz uso, portanto, de várias manifestações das artes visuais); ela interpreta ou inventa as músicas que canta para sua boneca ou durante a corrida de carro (canções de ninar, a canção que era tocada toda a vez que Ayrton Senna ganhava uma corrida) e imita sons e ruídos, exercitando-se nas artes sonoras; ela cria falas para as suas personagens, representa, dança (artes cênicas)...

A vivência é tão completa que abrange não apenas aspectos psicológicos e emocionais, mas também ajuda a criança a conhecer seu corpo, no sentido de coordenar movimentos e de desenvolver tipos específicos de coordenação motora. Essas atividades oportunizam-lhe relacionar seu pensamento lógico e abstrato (matemático) à operações simples do cotidiano (comprar maçãs imaginárias, contá-las, contar o dinheiro para pagá-las; cronometrar o tempo gasto pelo seu cavalo e pelo de seu amigo na corrida de cavalos ou efetuando operações aritméticas). Os jogos e a arte, em sala de aula, podem desempenhar um papel privilegiado de instrumentos educativos. Tudo o que é realizado de maneira agradável e alegre resulta em participação, interesse e corrobora a motivação. Obtemos muito mais rendimento e cooperação dos nossos alunos, se o nosso dia a dia na escola estiver impregnado de bom humor e desse espírito brincalhão. A atividade de aprender pode ser prazerosa, sempre, em qualquer campo do saber. E, nesse contexto, a atmosfera de liberdade e de respeito propiciada pela arte torna-se, de um lado, veículo de autoconhecimento e de autoconfiança; de outro, oportuniza a manipulação dos conteúdos e a fixação do aprendizado. As atividades artísticas fornecem aos educandos, ainda, outro tipo de equilíbrio extremamente necessário ao seu crescimento harmonioso: enquanto existem conteúdos programáticos como a Matemática, o

Português e as Ciências, que, na maioria das vezes, permitem chegar a apenas uma resposta (como $2 + 2 = 4$; bocarra é o aumentativo de boca; ou o Paraná está localizado na região Sul do Brasil), a arte admite uma infinidade de caminhos, soluções e resultados. Enquanto certas disciplinas direcionam e têm padrões homogeneizantes, as artes ensinam-nos a encontrar nossos próprios trajetos e, mais ainda, definirmos nossas próprias metas.

1.2 ARTE E JOGO

O exercício da liberdade, a possibilidade da escolha, a decisão sobre que meios usar para este ou aquele fim treinam o aluno para a vida prática, em que estará sujeito a inúmeras situações inesperadas e ainda não aprendido. São nessas ocasiões que capacidades inerentes à arte e mencionadas anteriormente, como à criatividade, a inventividade e a improvisação, são essenciais. E apenas as atividades relacionadas a esses elementos permitem esse treinamento, tão vital, para sobrevivência em sociedade.

Ao mesmo tempo em que o lúdico e a arte estão presentes nos processos de vivência espontânea da criança e são usados, também, como instrumento no aprendizado das diversas disciplinas do tecido curricular, o próprio “fazer arte” e o conhecer a arte como área do saber podem e devem ser imbuídos desse espírito divertido e alegre.

Assim, podemos usar o brinquedo e a brincadeira como parte integrante dos métodos e procedimentos educativos de um programa de arte, pois “a experimentação, a criação, a atividade lúdica e imaginativa, que sempre estão presentes nas brincadeiras, no brinquedo e no jogo, são também os elementos básicos das aulas de arte para crianças” (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 89). É necessário, no entanto, cuidado especial para não perder o rumo do processo educativo. O brincar deve ser incentivado sem perder de vista o conteúdo a ser ministrado. Brincar, nesse caso, seria apenas uma estratégia (mas uma maravilhosa estratégia) para a melhoria da qualidade de aprendizagem. Não a finalidade em si mesma e, muito menos, algo para manter as crianças ocupadas.

O professor deverá estar atento a todos os detalhes. Ao observar como se desenvolve a brincadeira, ele pode, com algum comentário ou com alguma pergunta ou sugestão, orientar o direcionamento da atividade. Ao avaliar continuamente a intensidade da participação de cada criança, ele pode encorajar as que participam apenas de maneira periférica, buscando sua integração maior ao grupo ou à ação. Ao estimular ideias e opiniões na classe, ele estará incitando os educandos ao alargamento da sua capacidade de observar, de expressar-se e de compreender partes, antes não percebidas daquela unidade.

Nesse sentido, “intervir não é ‘atrapalhar’, mas discutir, propor, retrabalhar, reexaminar” (VASCONCELOS, 1986, p. 50).

2. ENSINO DE ARTES E DOCUMENTOS OFICIAIS

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394), aprovada em 20 de dezembro de 1996, estabelece em seu artigo 26, parágrafo 2º: “ O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte: “São características desse novo marco curricular as reivindicações de identificar a área por arte (e não mais por educação artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área com conteúdos próprios ligados à cultura artística, e não apenas como atividade”.

Assim, a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber.

Tratar a arte como conhecimento é o ponto fundamental e condição indispensável para esse enfoque do ensino de arte, que vem sendo trabalhado há anos por muitos arte-educadores. Ensinar arte significa articular três campos conceituais: a criação/produção, a percepção/análise e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade, compreendendo-a história e culturalmente. Esses três campos conceituais estão presentes nos PCN-ARTE e, respectivamente, denominados produção, fruição e reflexão.

2.1 A AQUISIÇÃO DO DESENHO E CORRESPONDÊNCIAS COM OS NÍVEIS DA COMPREENSÃO ESTÉTICA

O desenho da criança é uma das condutas da função simbólica descritas por Piaget, ao lado do jogo, da imitação diferida, da evocação verbal e da imagem mental. Sua concretização é um virtual humano, cuja aquisição é um fenômeno regulado por oportunidades educativas e pelo fazer do desenhista. Nesse sentido, cabe observar as ideias dos desenhistas sobre o objeto desenho, as quais regem suas práticas.

O desenho da criança, desde cedo, sofre influência da cultura por intermédio de materiais e suportes com que faz seus trabalhos, de imagens e atos de produção artística que observa em TV, computador, gibis, rótulos, estampas, objetos de arte, vídeos, cinema, fotografias e trabalhos artísticos de outras crianças.

O desenho é a base de muitas modalidades de produção visual: a pintura, a escultura, a fotografia, o webdesign, as histórias em quadrinhos, a gravura, o design; portanto, saber sobre sua aquisição elucidada, de certa forma, as questões de aprendizagem em artes visuais.

Para compreender as relativas à construção do desenho pelos aprendizes, é necessário que o educador possa responder ao que é desenho e quais são suas correspondências com o mundo físico, com o mundo do desenhista e com o mundo da cultura.

Saber, por exemplo, que o desenho não é simplesmente a representação do mundo visível – embora essa crença seja forte a reger as orientações de muitos professores, mesmo na atualidade, mas que o desenho é uma linguagem, com características próprias, com forte marca de decisões individuais e das culturas coletivas em sua fatura, evita que se enquadrem os estudantes em visões parciais e deformadas sobre o ato de desenhar e ler desenhos.

A criança, desde pequena, age, reflete, abstrai sentidos sobre de sua experiência com desenhos. Progressivamente, ela pode construir significados sobre o que é e foi o desenho na história, quais são e foram os princípios e os fatos, procedimentos e valores associados ao desenho na história da arte. Para tanto, é bom que, na escola, o aluno relacione o desenho que faz com o conhecimento acumulado sobre desenho na sociedade.

2.2 O ENSINO DAS ARTES VISUAIS E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Ensinar a apreciar trabalhos artísticos requer a compreensão das transformações que ocorrem nas possibilidades de apreciar ao longo do desenvolvimento dos alunos, assim como ensinar a fazer trabalhos artísticos requer o conhecimento sobre a gênese da arte na criança e no jovem.

O professor, como mediador de obras ou orientador de percursos de criação de alunos em arte, deve saber que a disponibilidade para a aprendizagem está relacionada ao sentido que tem para os aprendizes e ao que já sabem. A educação é comunicação e significação. E não simples transmissão de informações ou estímulos. É um processo em que ações com intenções educativas podem ser decodificadas, recriadas e assimiladas (atribuição de sentido) pelo sujeito da aprendizagem.

As formas de comunicação das mídias podem ser trabalhadas pela construção de um espírito crítico e de uma visão lúcida, que leve ao desenvolvimento do julgamento e da autonomia quando o aluno tenha capacidade para realizar análise comparativa entre experiências de baixa qualidade e experiências de boa qualidade artística e estética.

É necessário fortalecer a identidade dos alunos para preservar suas escolhas pessoais, exercitar um distanciamento crítico para não se desviar em propostas alheia às suas necessidades, não se deixando manipular.

A recepção e a reconstrução de significados presentes nas Novas Tecnologias serão conteúdo fundamental para a reflexão dos professores para criar, gerir, e orientar situações de aprendizagem com novos meios e multe meios, e não apenas incluí-los mecanicamente em suas aulas.

3. OBJETIVOS E HABILIDADES PRIORITÁRIOS PARA O ENSINO DE ARTE VISUAIS

Nas Artes Visuais, o texto é a imagem fixa ou em movimento, composta por signos visuais e táteis, como a espacialidade, a linha, a forma, a cor, a textura, a luz e sombra, os planos. Abrangem diversas modalidades, entre elas, o desenho, a pintura, a escultura, a gravura, a colagem, a arquitetura, a fotografia, o vídeo, que são os diferentes modos de praticá-las.

Dependendo do conteúdo da imagem, ela pode ser figurativa, quando é composta por elementos da natureza ou da cultura que são reconhecíveis e nomeáveis; ou pode ser abstrata, quando a representação é composta por elementos geométricos, por formas orgânicas ou manchas de cor, distanciando-se da figuração, portanto sem uma definição formal específica. São esses signos e modalidades que os estudantes precisam conhecer conceitualmente, formalmente e interpretá-los simbolicamente como também reconhecê-los ao interagirem com as imagens da natureza, do cotidiano e das obras de arte.

Portanto os objetivos/habilidades que deverão nortear o ensino das Artes Visuais nos primeiros anos devem promover a aprendizagem dos alunos quanto a pesquisar e experimentar diferentes suportes (espaço físico ou material sobre o qual ocorrerá a expressão artística, tais como: papel, tecido, papelão, madeira, parede, chão, entre outros), meios e instrumentos (recursos que promoverão a expressão, tais como: tintas, lápis, bastões, pincéis, argila, massa de modelar, areia, cola, entre outros), descobrindo qualidades e possibilidades expressivas; ampliar a expressão gráfica e escultórica, buscando a figuração e/ou abstração com intenção simbólica; explorar os signos visuais, articulando-os na composição das suas produções artísticas; e produzir em diferentes modalidades e gêneros das Artes Visuais; conhecer e reconhecer artistas e obras de diferentes culturas e épocas respeitando suas individualidades; ler, atribuindo significado e identificando signos e modalidades em imagem de diferentes naturezas e origens; visitar e saber interagir com os espaços de exposição e veiculação de Arte; usar os ambientes de trabalho, os materiais e recursos didáticos com zelo e adequação.

Nas Artes Cênicas, o texto é a expressão corporal e/ou verbal em cena – ação dramática, composta por signos visuais e sonoros como: o movimento, a expressão facial, o figurino e adereços, a maquiagem, o cenário, a sonoplastia, a iluminação, o espaço cênico e/ou a voz e as modalidades são o teatro (humano, de máscaras, de bonecos, de sombra, de formas animadas), a dança, a performance, o circo, a ópera.

Nas Artes Cênicas, há signo que é mais específico do teatro, como a voz, e há o que é mais específico da dança, como o movimento, os demais podem ser comuns às diferentes modalidades e aplicados de forma diferenciada, de acordo com o espaço cênico, que pode ser um teatro, a rua, uma praça, a sala de aula, o pátio da escola entre outros.

Os signos e modalidades precisam ser conhecidos conceitualmente, à medida que forem sendo trabalhados, e interpretados simbolicamente pelos alunos, aos interagirem com produções do teatro, da dança ou do circo.

Assim, os objetos/habilidades que deverão nortear o ensino das Artes Cênicas nos primeiros anos devem promover a aprendizagem dos alunos quanto a pesquisar experimentar diferentes movimentos e deslocamentos com o corpo, descobrindo possibilidades expressivas; observar e perceber o ritmo e o movimento existente na natureza, nos objetos e nas pessoas (gestos e atitudes); interagir com produções cênicas, como o teatro, o circo, a dança e outras. Percebendo as diferentes formas de representação cênica e os diferentes signos visuais e sonoros atribuindo-lhes significados; expressar-se através das artes cênicas, explorando seus signos e utilizando diferentes recursos como roupas, calçados, tecidos, fitas.

Na Música, o texto é resultado da combinação de sons e silêncios. Os seus signos são os elementos que constituem o som ou parâmetros do som, também chamados de “qualidade do som”, que são: a altura (caracterizando se o som é grave/grosso ou agudo/fino, o volume ou intensidade (caracterizando se o som é fraco ou forte).

Os objetivos/habilidades que deverão nortear o ensino da música nos primeiros anos devem promover a aprendizagem dos alunos quanto a perceber as sonoridades presentes na natureza e no meio cultural, reconhecendo suas fontes geradoras, os ritmos, o silêncio, através do exercício da escuta sensível; identificar sons diversos produzidos pelo corpo, voz, instrumentos musicais e objetos sonoros, presentes nas músicas; interagir com músicas infantis, canções folclóricas, músicas populares e eruditas, de autorias e modos de produção diversos produzidas em diferentes épocas; conhecer sobre autores, compositores e intérpretes da música de diferentes etnias e culturas respeitando suas identidades; interpretar emoções, sentimentos, sensações e ideias, expressando-as através de sonoridades produzidas pela voz, corpo, objetos ou instrumentos musicais.

3.1 RECURSOS DIDÁTICOS PARA ENSINAR ARTE

O ensino, quando concebemos a arte como linguagem e como conhecimento histórico e cultural da humanidade, em qualquer uma das suas linguagens carece de recursos variados,

sejam para facilitar a leitura do objeto artístico, para promover o conhecimento e a contextualização ou para favorecer a produção artística dos estudantes.

Esses recursos podem ser pesquisados e construídos pelos professores, que os organizaram de acordo com o seu planejamento, como também podem ser adquiridos pelas instituições ou redes de ensino, devendo estes ser em diferentes mídias: livros, catálogos, cds, dvds, imagem impressa, virtual, entre outros.

No caso das obras complementares, elas foram adquiridas para atender a algumas necessidades relativas ao ensino das diferentes linguagens: Artes Visuais, Artes Cênicas e Músicas, embora haja maior concentração de títulos referentes às Artes Visuais, pois existe uma produção maior para essa linguagem.

Há obras nos acervos que se referem à caracterização das linguagens artísticas, a suas modalidades e signos, podendo favorecer a aprendizagem de conceitos e especificidades de cada uma delas. Outras trazem histórias de vidas e obras de alguns artísticas, favorecendo a leitura de obras e a contextualização histórica e cultural das mesmas.

Alguns signos das Artes Visuais são bastante explorados como, por exemplo, a cor. Há obras em todos os acervos que se referem a este signo, que é muito importante de ser trabalhado nos anos iniciais, através de atividade que envolva a sua percepção na natureza (paisagens, animais, vegetações, peles das pessoas) e na cultura (prédios, roupas, objetos), além de explorar suas nomenclaturas e classificações (primárias, secundárias, quentes, frias, neutras).

Atividades envolvendo o desenho de observação e de memória da figura humana em diferentes posições, de diferentes animais, plantas, objetos, entre outras, favorecerão a construção de um repertório imagético, que também deverá ser enriquecido pela apreciação de imagens de obras de artistas de culturas e estéticas diversas.

Assim, também, é com a expressão dramática e musical, considerando que a criança brinca de faz de conta, cantando, dançando e vivendo personagens através da mudança de voz, do gesto, do uso de objetos ou de vestimentas, vivenciando espontaneamente situações cênicas. Estas favorecem a exploração das possibilidades expressivas do corpo e da voz e de utilização do espaço circundante, como também ampliam as possibilidades de comunicação e relacionamento com os outros.

Você poderá intervir, como mediador/a, aproveitando as situações criadas pelos alunos e orientando-os para que explorem diferentes formas de construção da sua expressão cênica a partir da exploração consciente dos seus signos.

Então, as obras que compõem os acervos dos materiais complementares são facilitadores e estimuladoras do ensinar e aprender Arte.

3.2 DESENHO

Segundo Aroeira (1996), a expressão gráfica da criança inicia-se por volta de um ano e meio, é a fase das garatujas; depois passa pela fase pré-esquemática e a seguir, pela fase esquemática. Na fase das garatujas, os rabiscos são projetados como um ato de busca pelo prazer do gesto. Seguidamente, ele se torna um ato de prazer pelo efeito que o lápis, o pincel ou a caneta realiza no papel, na parede, no quadro etc.

O desenho é a atividade artística que a criança mais realiza. Através dele, a criança desenvolve habilidades motoras, expressivas e cognitivas e representa as experiências vividas e apreendidas no seu dia-a-dia. Para a criança um lápis pressionado a um pedaço de papel pode significar muito além do que meros rabiscos, pois é através do desenho que ela vai expressar suas ideias, pensamentos e emoções. Desenhar, para ela, é tão natural e prazeroso, quanto brincar.

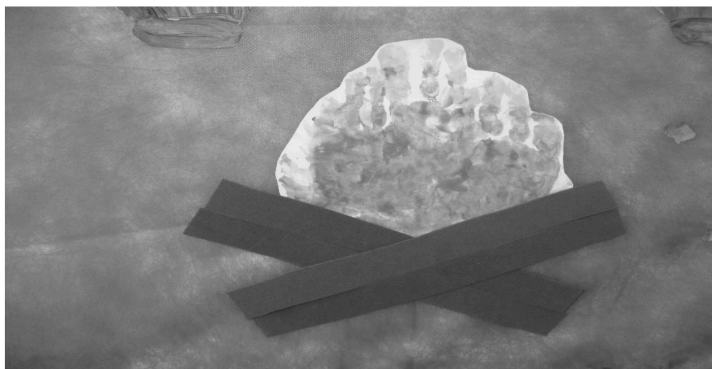


Figura 1 – Fogueira com tintas das mãos dos alunos (todos os alunos de 4 e 5 anos)

O desenho de pinturas com as mãos é uma reação prazerosa de cada criança ao tocar na tinta. É uma foto do trabalho realizado dos alunos de uma fogueira feito com tinta guache vermelha e amarela.



Figura 2 – Pintar seu desenho (ele tem 4 anos)

Toda criança ao pegar seu desenho para colorir tem uma imaginação de uma cor, com isso ela pega qualquer lápis e faz com que o desenho fique bonito e tenha sua própria leitura. Esta foto é de Cícero Matheus dos Santos.



Figura 3 – Pintura Abstrata com bolinhas de gude (ela tem 4 anos)

O símbolo que a criança desenha é a figura de várias coisas que venha na sua mente e sempre ela dá um nome para qualquer desenho, para ela é muito lindo todas as cores juntas.

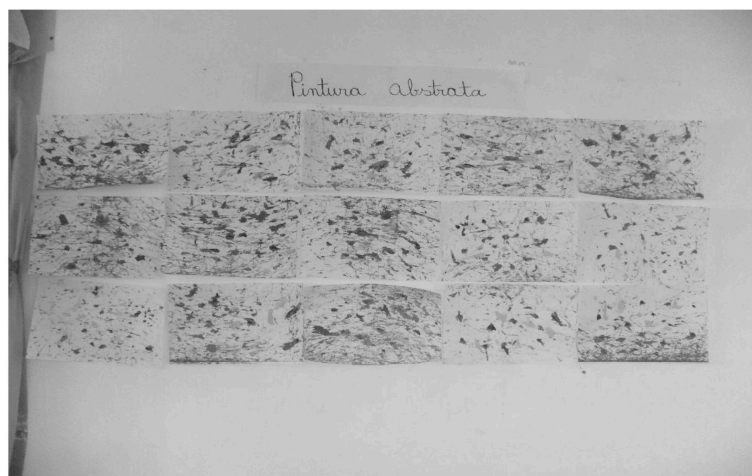


Figura 4 Pintura Abstrata (desenho de todos os alunos)

Todos os desenhos feitos são expostos na parede para uma leitura com os alunos e depois cada aluno leva seu desenho para sua casa.



Figura 5 Pintar (eles tem 2 e 3 anos)

Para essa atividade São os momentos em que a criança tem a oportunidade de desenvolver uma atividade sozinha ou acompanhada. É importante que, nesta situação, a criança sinta-se amparada pelo professor em seu processo de desenvolvimento.



Figura 6 – Pintando com as mãos (elas tem 3 anos)

Para elas através da arte, registra seu mundo de fantasia, com seus sonhos de realizar seu desenho. Elas criam em torno de si um ambiente de jogo, sempre um espaço de criação. Lúdico, pois a criança desenha para brincar. Em qualquer destas fases, deve expressar livremente seus sentimentos e impressões, mantendo constantemente sua imaginação em exercício.

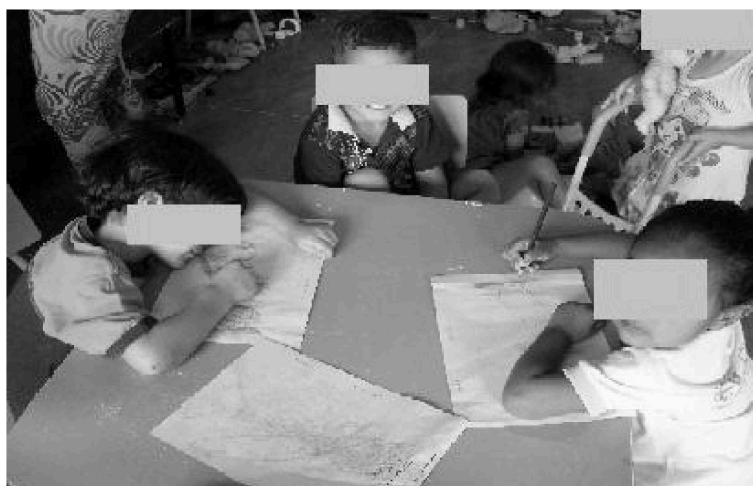


Figura 7 – Garatujas (eles tem 3 anos)

Na fase das garatujas, os rabiscos são projetados como um ato de busca pelo prazer do gesto. Seguidamente, ele se torna um ato de prazer pelo efeito que o lápis, o pincel ou a caneta realiza no papel, na parede, no quadro etc. A fase das garatujas estende-se até, três anos e

meio, quando a criança começa a dar nomes aos rabiscos. Aos poucos, os rabiscos ganham forma e se tornam figuras e formas reconhecíveis.

O desenho é a atividade artística que a criança mais realiza. Através dele, a criança desenvolve habilidades motoras, expressivas e cognitivas e representa as experiências vividas e apreendidas no seu dia-a-dia.



Figura 8 desenho de sua casa (4 anos)

Quando a criança produz de modo livre, ela está construindo, em si, está demonstrando a ela mesma que é capaz de inventar, explorar, criar e, ao mesmo tempo ver sua imaginação do desenho.



Figura 9 desenho de um avião (ele tem 3 anos)

A técnica do desenho que representa um avião, explorar cada linguagem da arte de forma integrada e de maneira lúdica de forma a contribuir para o desenvolvimento de um olhar mais sensível para as coisas que cercam a criança.

3.3 TEATRO

Exercita o pensamento como se simbolizando e agindo como alguém algo além de si próprio, mantém a ação cênica, elabora e propõe a criação cenográfica e trajes de cena. Trabalha expressivamente a voz e o corpo, improvisa trabalha com a linguagem cênica para expressar seu pensamento e sentimento.

3.4 MÚSICA

Exercita o pensamento musical, simbolizando através de sons e silêncios o seu sentir e pensar. Elabora e reproduzem estruturas rítmicas, linhas melódicas, canta compõe, improvisam e constroem instrumentos e os utiliza em suas criações. Cria efeitos sonoros vocais, instrumentos e corporais e é capaz de criar seu próprio sistema notacional. A música está tão presente nas nossas vidas, que muitas vezes não paramos para pensar sobre a diversidade de significados que ela apresenta.

Com olhos e ouvidos atentos, podemos observar as crianças produzindo uma variedade de sons, experimentando algum instrumento musical (convencional ou não), participando de jogos cantados, balançando o corpo enquanto ouvem música, compondo ou improvisando uma canção enquanto brincam. As crianças produzem sentidos expressando-se sonoramente, em práticas singulares, que refletem e transformam as culturas da infância.

Os jogos e brinquedos cantados representam práticas legitimadas na educação infantil, sendo reconhecida a importância dessas atividades para o desenvolvimento das crianças. Levar músicas que fazem parte do próprio universo das crianças para a sala de aula é uma maneira de valorizar o saber infantil, ampliar os valores estéticos e o imaginário, tornando o aprendizado mais significativo para a criança.

3.5 DANÇA

Exercita o pensamento cinestésico, simbolizando seu sentir/pensar por meio do movimento. Opera com os códigos dessa linguagem e elabora movimentos expressivos. Movimenta-se com naturalidade, salta, gira, anda, corre expressivamente. Utiliza os planos alto, médio, baixo, curva, estica, torce, balança o corpo respondendo a pulsações rítmicas e improvisa movimentos e propõe coreografias.

4. A ARTE NA EDUCAÇÃO: EXPRESSAR, FAZER OU CONHECER?

Já vimos que, por intermédio da arte, o ser humano, seja qual for sua idade, expressa seus pensamentos, suas emoções, sua visão do mundo. A arte é um veículo de expressão da sua própria elaboração da realidade. Na verdade, a arte vai mais além, ela não exprime apenas o que a pessoa vê, o que ela pensa, mas o que ela realmente é: sua vitalidade, sua força, sua fraqueza, seus medos, seus sonhos, suas vontades, suas dúvidas, seus conflitos, seu temperamento, seu caráter...

Luigi Pareyson (1984, p. 30), um grande pensador sobre a arte, escreveu: Certamente, a arte é expressão. Mas é necessário não esquecer que há um sentido em que todas as operações humanas contêm a espiritualidade e a personalidade de quem toma a iniciativa de fazê-la e a ela se dedica com empenho; por isso, toda a obra humana é como um retrato da pessoa que a realizou.

O diálogo, presente em situações de aprendizagem, com os educandos, permite que a curiosidade espontânea da criança - característica antropológica do ser humano - manifestada pelo comportamento de busca, de descoberta, se transforme em curiosidade epistemológica. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo se 'rigoriza', tanto mais epistemológica ela vai se tornando (FREIRE, 2008, p.87).

4.1 A ARTE COMO LIVRE EXPRESSÃO

Ao exprimir-se, a pessoa mergulha no fundo de si mesma com intensidade e absorção tais, que a concentração fica totalmente dirigida ao que está realizando. E durante o tempo em que ela está desempenhando uma atividade física, ela não apenas exterioriza o que sente e pensa, mas os próprios sentimentos e conceitos vão transformando-se. Pode-se afirmar até, que o indivíduo que iniciou um trabalho artístico não é o mesmo que o terminou: ele passou por uma nova e rica experiência de aprendizado e elaboração do seu *eu* psicológico, em que não apenas o resultado da atividade é importante, mas também o seu processo.

Na Educação, a arte além de ser uma ferramenta para o desenvolvimento da criança, é ainda um meio de o educador poder conhecer e compreender melhor o seu aluno e ajudá-lo no seu percurso. Por meio da arte, o professor poderá perceber as mudanças que ocorrem no íntimo de cada criança: seus sucessos, suas vitórias, seus problemas, suas dificuldades, a maneira como está reagindo a determinada situação, suas alegrias, suas tristezas. O professor atento poderá enxergar inúmeras nuances da vida psicológica, dos seus educandos, nas

entrelinhas do que é dito ou escrito, nos gestos e nas expressões faciais da fala ou na representação, nos espaços vazios dos desenhos, nas linhas mais leves ou mais enérgicas sobre o papel, nas cores usadas, nas palavras não ditas.

4.2 A ARTE COMO UMA AÇÃO

Sabemos que para expressar-se, o ser humano utiliza-se de várias linguagens, entre elas as artísticas como a música, as artes literárias, as artes cênicas (teatro, dança, pantomima), as artes visuais (desenho, pintura, escultura, arquitetura, fotografia) e as artes audiovisuais (vídeo, cinema).

Para que possa fazê-lo, ele precisa conhecer as técnicas, os materiais e os instrumentos necessários a cada um. Assim, o fazer arte implica um conhecimento desses vários elementos e uma convivência com eles. É extremamente importante que a criança tenha a oportunidade de entrar em contato com todas essas linguagens e que possa experimentá-las, para, então, optar pelas que preferir. E o local mais indicado para isso é a escola, pois é onde ela terá a chance de vivenciá-las de maneira organizada, sistemática, sequencial, direcionada a objetivos educacionais, com critério e qualidade.

Conhecer as várias linguagens e suas possibilidades representa uma pesquisa e uma descoberta constantes. Ocorre por meio da manipulação delas, da observação e da avaliação contínuas do percurso e dos resultados do seu fazer. *Fazer arte* é escolher o que fazer com o que fazer e como fazer. É brincar com o material escolhido. É combinar, adicionar, criar formas, construir, inventar caminhos e soluções. É um surpreender-se a cada momento. Por isso, é uma atividade grata, que a criança executa com prazer e alegria. Ela permite que a pessoa se mostre sem censuras, sem barreiras, que ela exercite a sua liberdade de ser ela mesma, de revelar sua própria maneira de ser, de ver e de representar a sua realidade, seja essa realidade uma fantasia ou não.

Luigi Pareyson (1984, p. 31-32), explica o processo do fazer artístico de uma maneira bastante interessante e que demonstra bem como ele acontece. Ele afirma: “a arte [...] é tal fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer. A arte é uma atividade na qual execução e invenção procedem a simultâneas e inseparáveis [...] Concebe-se executando, projetando-se fazendo, encontra-se a regra operando”. Qual é então, o papel do professor? Ele deve anular-se e deixar que a criança faça o que quiser? Deve impor sua visão, ensinando como e o que ela deve fazer?

Nem uma coisa nem outra! Antes de tudo, ele deve conversar com a criança sobre aquilo que está construindo. Ele pode perguntar o que aquilo significa, por que escolheu este ou aquele elemento, por que foi em certa direção... A partir daí, e sempre para ajudar o educando a prosseguir (e jamais para corrigi-lo), ele pode sugerir, comentar e apontar opções.

Nesse contexto, é fundamental que o professor permita ao educando que ele encontre seus próprios caminhos, que faça suas próprias escolhas e julgamentos.

Pode auxiliá-lo com comentários (sempre construtivos e positivos) sobre o que está bom naquele trabalho específico e sobre o que mais poderia fazer ou usar, sugerindo outras possibilidades. Antes de tudo, o educador deve respeitar a liberdade que a arte oferece àquele que a executa, pois essa é sua essência: o poder expressar-se integralmente, de maneira pessoal e sincera.

Na arte, não existe o que não é permitido. Pode-se, sim, estabelecer parâmetros. Pode-se propor um tema ou o uso de apenas certos elementos, ou ainda, partir de certa ideia, que cada criança desenvolverá à sua maneira. Mas o que mais importa é o que cada um fará as soluções e combinações que realizará. É muito importante encorajar a criança para que ela mesma encontre o seu trajeto.

É muito comum que a criança, principalmente as mais velhas, e os adultos sejam tolhidos no seu fazer artístico pelo próprio processo educativo, por comportamentos adquiridos, por concepções do que é certo ou errado, por medo do ridículo ou por receio de errar. Ao professor cabe animar, dizer que é permitido fazer-se o que quiser que nada é bobagem, que tudo e todos são igualmente importantes e que tudo o que se tiver a dizer deve ser ouvido com atenção e consideração pelo grupo. Somente, assim aquelas crianças mais tímidas e inseguras terão forças suficientes para expor o seu íntimo e as suas verdades.

4.3 A ARTE COMO MEDIADORA E COMO ÁREA DO CONHECIMENTO

Se a arte é a expressão do indivíduo, se ela é um fazer como ela pode ser também conhecimento? E conhecimento em que sentido? De que forma?

Como mencionado, desde o seu nascer, a criança está inserida em um meio repleto de objetos, pessoas, ideias, situações, mensagens etc. Ela vive e convive com esse meio, passando a relacionar-se com ele: ela observa, reage, age, interage com ele, enfim, o apreende e dele participa. Na sua percepção da realidade, no seu querer compreendê-lo e no dialogar com ela, acontece o processo de conhecê-la. Esse diálogo ocorre também durante o ato da criança expressar-se em relação ao objeto ou ao tema da sua atenção. Enquanto cria e

constrói, ela trabalha a sua consciência do mundo, faz relações entre fatos, coisas e situações vividas.

Vimos anteriormente que, para expressar seus sentimentos e pensamentos, a criança utiliza-se frequentemente da arte, continuando, durante o processo de criação, o seu percurso de conhecer o universo que a cerca. Nesse sentido, podemos afirmar que a arte é mediadora do conhecimento, pois por meio dela, na relação que se estabelece entre o perceber o real, a sua apreensão e o representá-lo ou exprimi-lo é construído o saber.

A atividade artística, ou o fazer arte, implica também em outro tipo de conhecimento: o manuseio e o domínio das técnicas, dos materiais e dos instrumentos. Para conhecer as inúmeras possibilidades dos traços, das cores, dos gestos, dos sons, das palavras, da voz, dos movimentos, é necessário explorá-los, experimentá-los, observar os resultados a cada etapa.

Se um produto artístico é a expressão de um indivíduo, ele é, ao mesmo tempo, expressão de um grupo ou da época em que foi feito. Sob esse aspecto, podemos afirmar que arte é um retrato do seu tempo, revelando inúmeras faces da sociedade em questão. Se podemos reconhecer traços da pessoa que a elabora, podemos igualmente ver características da comunidade e do contexto em que a obra de arte foi realizada.

Assim, a produção artística de uma época torna-se, também, um documento histórico, no qual se pode reconhecer desde o desenvolvimento técnico e as condições econômicas e materiais daquela sociedade até seu conjunto de concepções religiosas, seus hábitos sociais, suas roupas, a maneira como viviam as pessoas, suas principais preocupações, como se davam as relações familiares e políticas etc. A obra de arte torna-se, assim, reveladora da nossa história, da nossa cultura, dos conhecimentos acumulados de geração em geração. De fato, nosso saber sobre muitas civilizações pré-históricas e antigas somente se tornou possível, por meio do estudo dos objetos artísticos deixados por elas. Nesse sentido, não são apenas os artistas que estudam a arte: estudam-na os historiadores, os arqueólogos, os sociólogos, os antropólogos, os psicólogos, os educadores de maneira geral, os filósofos... Ela é tão carregada de símbolos e significados que, quanto mais tentamos compreendê-la tecendo comparações e relações entre vários saberes que ela contém, mais descobrimos sobre a humanidade e sobre nós mesmos.

Assim, observar a produção artística do passado e do presente, em sala de aula, nas ruas, nas nossas casas, torna-se uma maneira das mais eficazes para a construção do conhecimento. Aprofundar-se na Arte e na História da Arte, como campo de saber, é aprender com a nossa herança cultural, com o conhecimento acumulado pela comunidade. É examinar o modo pelo qual outros grupos lidaram com sua realidade, para, por meio da experiência

deles, aprender a resolver melhor os nossos próprios problemas e desafios. Conhecer e saber são instrumentalizar-se para a vida. É muito importante, portanto, ensinar a criança não apenas a expressar-se, a usar certas técnicas e linguagens artísticas, mas também a observar a produção artística dos outros, quer sejam obras de artistas consagrados querem sejam as de seus amigos e companheiros de turma. Ao observar, analisar, fruir e buscar compreender o que o outro pretendeu exprimir, ou ao explicar o que ela própria quis dizer na sua Arte, a criança estará exercitando a sua capacidade de interpretação da realidade. Estará, novamente, estabelecendo relações com o seu mundo vivido e estará ampliando o seu vocabulário de compreensão e elaboração da vida. Dessa maneira, a construção do conhecimento continuará por toda a sua trajetória, como se fosse uma espiral infinita: cada vez que uma informação é revisitada e relacionada a novos saberes, o patamar da experiência e do conhecimento será outro. Nesse sentido, o educador deverá ser o facilitador da experiência da criança com a obra de arte. Ele será aquele que contribuirá para que a criança possa entrar em contato com o maior número possível de produções artísticas de qualidade, nas várias linguagens. Mas não basta apenas ver um quadro, ouvir uma música ou assistir a uma peça teatral ou um filme. É preciso conversar sobre o que viu e ouviu. É preciso refletir, oportunizar à criança a leitura da obra dos mais diversos ângulos.

Por meio de perguntas, pode-se conduzir o educando a descobrir e a enxergar novos aspectos daquele produto artístico, a ver detalhes que lhe passaram despercebidos, a estabelecer novas relações e a construir novos saberes.

CONSIDERAÇÕES

A construção deste trabalho foi bastante gratificante, por saber que a disciplina de arte que iria trabalhar é uma das mais importantes na vida das crianças, e durante a minha formação em Pedagogia eu tinha a intenção de pesquisar e realizar um trabalho nesta perspectiva.

O levantamento de fundamentos para a defesa da utilização da arte na educação de crianças proporcionou-me prazer e o desejo de buscar ainda mais, de conhecer o assunto e suas especificidades, objetivando o crescimento pessoal e profissional.

Concluindo que ler e conhecer a função da arte na educação propicia um vasto enriquecimento, passa-se a entender a contribuição e a importância da mesma na vida das pessoas em geral, sejam elas crianças, jovens e adultos. A arte favorece o contato das pessoas com a própria cultura e também com outras culturas.

Os objetivos propostos foram alcançados, pois as ideias dos autores pesquisados dialogaram umas com as outras e responderam às questões levantadas, ou seja, a arte é importante para o processo de educação de crianças de 0 a 6 anos.

O diálogo, entendido numa dimensão ampla, de expressão em múltiplas linguagens, permite a apreensão do saber de experiência feita e dos sonhos dos educandos. Diante desse trabalho realizado vem sendo debatido por muitos autores e também por professores para solucionar para a sala de aula que é o ensino da arte na educação infantil, no que diz respeito a formação dos professores (que nesta fase, muitas vezes, não tem formação na área de arte), metodologia para a aplicação desta disciplina e principalmente, quanto à valorização do ensino da arte como atividade importante para o desenvolvimento social, físico, intelectual, emocional, estético, e criador da criança.

Entende-se que assim, o professor pode construir, junto com seus alunos, um espaço fecundo de possibilidades de conhecimentos, de vida e de sonhos, um espaço onde as crianças podem viver profundamente a sua infância, com autonomia e criatividade, de forma ativa e responsável. Percebe-se que outro fator importante é o ambiente onde serão desenvolvidas estas atividades. Seria interessante que as escolas pensassem num ambiente planejado na qual os alunos tivessem à sua disponibilidade diversos materiais para explorar as mais variadas linguagens artísticas. Todos estes aspectos podem ser mais explorados através de pesquisas de observação através de acompanhamento nas aulas de arte nas escolas de educação infantil e nos ateliers livres recolhendo materiais e informações que revelem as diferenças quanto ao ensino e quanto ao desenvolvimento cognitivo das crianças.

Assim, se pretendemos alcançar uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizada a, a necessidade da Arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação. Conclui-se que arte na educação infantil, trabalhada na perspectiva de projetos de trabalho, pode contribuir para o desenvolvimento da capacidade de criação da criança que está na educação infantil. Pretendo me aprofundar mais sobre o assunto e me capacitar através de cursos de capacitação e aperfeiçoamento na área.

REFERÊNCIAS

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte. Sala de aula e formação de professores, Editora Artmed 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

IAVELBERG, Rosa. Artes Visuais nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte. Editora Artmed 2013.

IAVELBERG, Rosa. A Etemologiapia Genética de Piaget Editora Artmed 2013.

BARBOSA, Ana Mae. Arte no Ensino Fundamental. Brasil Acervos Complementares. Brasília: MEC/SEB 2009.

IAVELBERG, Rosa. A aquisição do desenho e correspondências com os níveis da compreensão estética Editora Artmed 2013.

MARTINS, Mirian Celeste. Avaliando a criação e produção, teatro, música e dança. São Paulo, 1ª edição, FTD 2009.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. Ensino de Artes. Iesde Brasil S.A. Curitiba 2012.

FREIRE, Paulo. O diálogo. São Paulo: Villa das Letras Editora, 2009.

PAREYSON, Luigi. A arte na Educação exprimir, fazer ou conhecer. IESDE Brasil S.A. Curitiba 2012.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. A arte como uma ação. Iesde Brasil S.A. Curitiba 2012.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. A arte como mediadora. Iesde Brasil S.A. Curitiba 2012.